



“Da Janela do meu Quarto” – Discutindo a interferência sobre o real e um novo momento no cenário de vídeo documentário nacional.¹

SIMONE JUBERT²

ALUNA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.

Resumo

O artigo estuda o curta-documentário “Da Janela do Meu Quarto”, de, Cao Guimarães. Levanta também a discussão de uma estética do mínimo, ou uma estética do real, que se referem à forma como o filme foi captado, baseadas na experiência do realizador e no menor índice de interferência possível sobre a realidade. O filme é realizado por acaso quando da janela de um quarto de hotel Cao observa duas crianças brincando e grava sem ser notado por elas. Também abre a discussão sobre o novo momento no cenário de curtas e de documentários nacional, assinalado aqui pela própria premiação do filme de Cao nos mais importantes festivais brasileiros. Pensamos assim, como uma nova possibilidade estética ou a discussão da mesma abre caminhos para se repensar o cinema e seus gêneros, a questão da criatividade e do valor da arte.

Palavras-chave

Documentário; curta-metragem; estética; real.

Atualmente, nos esforços de traçar um histórico do Documentário, consideram-se nesta categoria já as primeiras imagens registradas pelos irmãos Lumière, sendo pensado, dessa forma (como mesmo cita Elinaldo Teixeira no livro “Documentário no Brasil – Tradição e Transformações”), o documentário como gênero inaugural do cinema. Inicialmente, gênero sem a consciência enquanto gênero, mas hodierno inserido dentro de tal rotulação pelo fato de utilizar o real como matéria-prima: a câmera colocada espontaneamente diante de uma situação e entregue à realidade que se desloca, realidade sem intermediações diretas nos fatos que se sucedem.

No caso Lumière, ainda temos uma provável intermediação que é a interação indireta ou direta de quem é filmado com a câmera. A idéia de que o momento está sendo capturado influenciando numa possível modificação das atitudes e do próprio fluir do real perante a percepção do registro (é interessante, porém, destacar aqui que em tal época não se tinha a familiaridade com as câmeras que temos hoje. Para muitos elas poderiam passar totalmente despercebidas, para outros poderia causar um grande impacto e mudança no comportamento).

¹ Trabalho apresentado ao NP 07 – Comunicação Audiovisual, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Simone Jubert (simone.jubert@gmail.com), jornalista, mestranda da Universidade Federal de Pernambuco, pesquisa atualmente as relações entre o trabalho de Eduardo Coutinho com o Teatro do Oprimido de Augusto Boal.

Então, quando repetimos este mesmo ato de posicionar a câmera frente a um fato cotidiano, aparentemente banal, sem a consciência das pessoas envolvidas em tal fato – como um voyeur que a tudo observa, sem ser observado e escolhendo o que deseja observar – podemos dizer então que o nível de intermediação ~~no~~ real é nulo, ou quase nulo. Nulo porque não funciona aqui a idéia do panótipo, de se saber sendo observado, mas sem saber de onde e por quem.

E quando somos observados sem saber, apenas se age, apenas se é o que se quer e se escolhe ser, sem se estar preocupado com algum suporte de observância, ou se sentindo mediado por tal suporte a um segundo olhar. Então temos o fragmento de uma realidade, sem interferências diretas em sua substância enquanto acontecimento.

Esse é o caso do vídeo “Da Janela do meu Quarto”, do diretor mineiro Cao Guimarães. Trata-se de um curta metragem com a duração de cinco minutos, realizado no ano de 2004, em Super 8/DV, e que foi gravado, segundo o próprio Cao, por acaso.

Ele conta que estava a passeio em Belém, hospedado num hotel e, de repente, viu pela janela do quarto duas crianças brincando de brigar na chuva. A própria sinopse do filme diz: “Da janela do meu quarto eu vi, sobre a areia molhada e sob um resto de chuva, uma briga amorosa entre duas crianças”.

Cao coloca a câmera na janela sem ser notado e grava toda brincadeira. Observa tudo. Escolhe os ângulos, aproxima a lente ou a afasta quando bem entende. O filme termina quando a brincadeira também termina e as crianças saem correndo, afastando-se de frente do quarto e sumindo do alcance da câmera.

Posteriormente, na montagem do curta, Cao muda um pouco a ordem das imagens – mas sem comprometer a linearidade da trama – e desacelera o ritmo das cenas, conferindo um caráter poético ao filme, que por si só já possuía grande carga de poesia: o instante capturado, inocente por não se saber capturado. A impossibilidade de repetição. O lúdico. O fugidio.

Cao Guimarães ainda conta com a ajuda do grupo musical e de produção sonora “O Grivo” na elaboração de uma trilha composta por barulhos que remetem a sons de chuva, e outros sons que são dispostos de forma sutil durante o vídeo e que acabam criando sim uma certa ambiência, mas ambiência essa que simula os possíveis sons do momento (o barulho da chuva, alguns trovões) e outros que remetem a sons do silêncio, aqueles sons que só escutamos quando tudo está silente e tranqüilo, e remete a sons internos e desconexos que permeiam os pensamentos.



Porém, um dos aspectos mais interessantes a respeito de “Da Janela do meu quarto” não está ligado nem à forma e nem como o filme foi captado e editado. Chama atenção o filme ter sido bastante premiado nos festivais nacionais (Melhor Vídeo no Zoon Cine Esquema Novo de 2004, Melhor Documentário do Curta Cinema 2004, Menção Especial no Festival Encontros de Cinema da América Latina de Toulouse, Melhor Curta Documentário da Competição Brasileira do É Tudo Verdade de 2005, e recentemente foi selecionado para quinzena dos realizadores – Cannes 2005) e grande parte dessas premiações o colocam dentro da categoria de documentário.

Mais uma vez, nos deparamos com a idéia do documentário enquanto gênero a partir do contato do olho do realizador com o real. O simples observar, remetendo ao cinema dos primórdios. Obviamente, há diferenças do olhar de Lumière para o olhar de Guimarães. Os primeiros filmes eram, geralmente, planos seqüências sem muitos cortes e efeitos posteriores de edição, enquanto o filme de Cao Guimarães possui, por mais simples que seja, uma montagem que lança luz a uma interpretação, a um efeito de sentido da imagem.

Pensar o documentário como gênero inaugural do cinema, ajuda-nos a classificar “Da janela...” como um, mesmo que hoje consideremos habitualmente como documentário o que é fruto de um histórico de práticas do ato de documentar no audiovisual. Como diz Mariana Baltar (2004):

“São práticas que constituem e operam um diálogo com a tradição documentária. Considera-se a tradição não como formulação purista do que se define documentário. O que ela indica é a projeção imaginária de um senso comum que, rapidamente, vai reconhecer no filme as marcas estéticas do que “deveria” ser um documentário. As regras de formulação que compõem o documentário tradicional, numa composição determinada historicamente – qual seja, uso expositivo de voz over, orientação da montagem por uma lógica argumentativa/dissertativa, a ideologia documental propriamente dita -, influenciam fortemente na definição do filme documentário e orientam a expectativa da audiência”.

Mesmo não possuindo características comumente atribuídas ao documentário como o conhecemos hoje, ou como fomos acostumados a conhecer, tanto as imagens do primeiro cinema, quanto as do curta metragem de Cao, trazem em si a força da realidade que emerge de forma banal, mas ganha status de documento pelo registro, o que Francisco Elinaldo Teixeira (2004) chama de “potência disruptiva das imagens inaugurais do cinema”.



Mesmo se em ambos não há diálogos, ou uma narratividade imposta (a trama só existe porque o real existe e acontece sem aparatos narrativos e de linguagem exterior ao fato em si para contar a história, ainda que haja a linguagem da direção do olhar), mesmo que explicitamente só consigamos ver as luzes de uma ideologia documental de expressão pretensamente objetiva da realidade.

A interferência máxima que há no real é a mediação desse real por quem registra para quem vai ver o que foi registrado. Ou seja, mais uma vez tocamos na questão do posicionamento do olhar. O que a câmera enquadra, para onde foca, o que revela ou deixa de revelar.

No caso de “Da janela do meu quarto” trata-se de um espetáculo da experiência de quem registra, e não de quem é registrado, é uma experiência que nem sequer quem é filmado sabe que o é. Dessa forma, classificariamos o filme como documentário por possuir uma estética do mínimo, ou uma estética do real (por não haver interferências diretas no mesmo e não deixar o olhar de quem observa influenciar na situação que se registra).

Dessa forma, a estética do mínimo seria, primordialmente, a realidade sob a moldura do olhar de quem realiza o filme, a experiência do momento da filmagem em si. A arte do momento presente, feita a partir de qualquer coisa que se queira. Uma estética imbuída de um valor moderno, mesmo dentro uma engrenagem pós-moderna, ou, podemos também dizer, um mecanismo do mínimo dentro de uma lógica maximalista.

Para entender esse valor é necessário pensar na trajetória da arte moderna, no modernismo em sua essência democrática, seu desligamento da tradição e da pura imitação (ainda que imitação da vida, interferência sobre ela ou um novo olhar sobre, propõe e vai além dessa mera imitação), a busca dos temas cotidianos, a familiaridade das paisagens e assuntos, a idéia de que qualquer coisa pode ser arte, passando pelo conceito do ready-made, a assimilação de todo e qualquer tema, a banalidade, o trivial, e até mesmo o movimento dadaísta tentando superar a oposição entre vida e arte, valor moderno como bem coloca Lipovetsky (1983) ao traçar um breve histórico da arte moderna:

“A arte e a vida são aqui e agora. Mais tarde, J. Cage proporrá que se considere como música qualquer ruído de um concerto, e Bem chega à idéia de arte total: “Escultura de arte total: erga-se uma coisa qualquer – Música de arte total: ouça-se seja que for – Pintura de arte total: olhe-se qualquer coisa”. Fim da elevação sobreeminente da arte, que se reúne à vida e sai para a rua, “a poesia deve ser feita por todos, não por um”, a



ação é mais interessante que o resultado, tudo é arte: o processo democrático corrói as hierarquias e cumes, a insurreição contra a cultura, seja qual for a sua radicalidade nihilista, só foi possível pela cultura do homo aequalis”.

O cinema dentro dessa lógica tem papel destacável. Ismail Xavier¹, na “Terceira Conferência Internacional do Documentário Imagens da Subjetividade”, ao participar da Mesa: “O Sujeito Extraordinário”, com Eduardo Coutinho e Jorge Furtado (São Paulo, 09-11/04/2003.), elucidou melhor sobre esse ponto, ao afirmar que:

“No século XX, começa-se a dar importância fundamental ao momento particular, a um determinado instante – e nisso há uma sensibilidade produzida não somente na literatura, mas também nas artes plásticas. Essa idéia do momento fugidio a ser fixado é fundamental, pois tem a ver com a absorção, no mundo das representações, do que é instável, inclusive na esfera do sujeito. Esse é um espaço de ação do cinema”.

Vemos assim em “Da janela do meu quarto” reflexos desse valor, a partir do momento em que seu realizador capta o momento banal, escorregadio e que nunca se repetirá, apenas acrescentando ao registro no momento da montagem, elementos mínimos de interferência.

A interferência é a experiência estética direta de quem registra. Constitui-se, assim, um documentário que não é um elaborado para se alcançar uma experiência estética, mas sim uma experiência estética para se alcançar uma outra. Ou seja, a fruição, interpretação ou apreensão da obra não parte de uma elaboração narrativa do que contar/mostrar.

Então, o que se conta é o que aparece espontaneamente diante dos olhos, é o resultado da experiência estética do realizador no momento em que um fato acontece (impossível de ser repetido ou de ter suas conseqüências previstas), a experiência consiste em olhar perigosamente, sem precedentes, incipientemente – por possuir o caráter de uma vez única nunca vivenciada - o que lhe aprouver.

¹ O referido texto encontra-se no livro “O cinema do real”, organizado por Maria Dora Mourão e Amir Labaki.



Decerto, poderíamos dizer que em toda e qualquer obra o autor escolhe o que ver, o que mostrar e o que falar ou deixar falar. Mas no caso de “Da janela...” temos uma diferença importante, ele nem sequer sabia o que ia filmar, não sabia o que esperar do momento.

Obviamente, em documentários o elemento surpresa é algo com que o documentarista já conta, mas dentro de um mínimo de conhecimento sobre o que olha, com um mínimo ou máximo – dependendo da proposta do realizador - de interação com o que filma. Cao Guimarães, neste caso, não saberia o que iria acontecer, o que poderia ver, que novos elementos poderiam se juntar ou não à trama, e de que forma iria acabar o que se sucedia, ou mesmo se o que teria em mãos seria suficiente para elaboração de um vídeo.

Shusterman (1998) cita Dewey e coloca a respeito da questão da experiência que:

“Ver a arte como experiência responde a todos esses problemas colocados pela separação entre arte e vida. Como experiência, a arte é evidentemente uma parte de nossa vida, uma forma especialmente expressiva de nossa realidade, e não uma simples imitação fictícia dela. Em segundo lugar, dado que a experiência precisa combinar os diferentes motivos e materiais que constituem nosso meio, e visto que nós abordamos cada contexto através de uma percepção intencional, podemos esperar que a experiência artística acolha elementos práticos e cognitivos sem perder sua legitimidade estética. Dewey é bem explícito em relação a esse ponto. “A experiência estética é sempre mais que estética”. Seus materiais diversos, que não são em si intrinsecamente estéticos, “tornam-se estéticos à medida que entram num movimento rítmico ordenado em vista de uma consumação. O material é amplamente humano” (e inclui “o prático, o social e o educativo”) e a função da arte é a de moldá-lo num todo integrado”.

A experiência estética de “Da janela...” é como já falamos aqui, a imagem do real sob a moldura do olhar do realizador, sem a interferência brusca de outras molduras de linguagens e de uma interação mínima com aquilo que é visto.

Essa estética do mínimo, ou do real, assinala um importante momento tanto dentro do cenário de curtas como do documentarismo nacional. Um vídeo com uma estética realmente simplista, constando em sua ficha técnica apenas dois nomes (o de Cao e o do grupo O Grivo), inicialmente competindo com outros filmes feitos com orçamentos bem maiores e, ou, de maior elaboração estética, e num segundo momento ganhar na competição de todos eles.



Dentro do âmbito dos curta metragens brasileiros, “Da janela...” assinala um novo momento que quebra com uma certa ditadura dos curtas realizados a partir do financiamentos de seus roteiros, o que beneficiou dessa forma, durante um período de mais ou menos 6 anos – de 1997 a 2003, vide às leis de incentivo e as formas de financiamentos criadas - a produção nacional de curtas com uma preocupação excessiva com a qualidade técnica, uma certa sacralização e canonização do que seriam “roteiros de qualidade” ou roteiros que teriam potencial para merecerem patrocínio. “Da janela...” certamente não se encaixa nessa categoria, e quebra de vez dentro do histórico das premiações em festivais de curtas com esse tipo de prêmio ao estabelecido.

Já ao analisarmos “Da janela...” dentro do cenário dos festivais que premiam documentários, podemos assinalar a vitória de um documentário sem diálogos, em meio a uma febre de documentários que privilegiam essencialmente a fala, o que poderíamos chamar de fenômeno Eduardo Coutinho, já que seu mecanismo de trabalho vem sendo amplamente utilizado na cena documental brasileira. O documentário é predominantemente um lugar de fala, mas o prêmio dado ao filme de Cao Guimarães levanta questões importantes para a discussão de tal gênero.

A não fala, a linguagem cinematográfica pura, o real tão real que se torna poesia. O mínimo de interferência sobre o objeto que se observa. Assim, podemos dizer que, talvez, uma das maiores interferências do autor sobre a obra seja o título e a sinopse. A partir do momento que Cao nos informa no próprio título o ponto de vista em que se encontrava no momento da captação, e na sinopse explica seu sentimento diante à cena, com tom poético: “Da janela do meu quarto eu vi, sobre a areia molhada e sob um resto de chuva, uma briga amorosa entre duas crianças”.

Esses dados só vêm a acrescentar na idéia de uma estética do mínimo contribuindo para uma estética do real. Afinal, o que explicita a obra se encontra fora dela, não se fazendo necessário em seu corpo de apresentação, e ainda assim fazendo parte da mesma, numa uma espécie de ficha técnica de referências. A partir do título cria-se um elo entre realizador e espectador. Entre a cena e quem a assiste em vídeo, só há o realizador e a câmera.

O objeto de “Da janela...”, portanto, não é uma virtualidade, nem é um duplo de uma realidade, nem a realidade enquanto acontece sendo bruscamente interferida pela utilização de algum texto a narrar o que se vê ou explicar os fatos que vemos, nem por uma trilha sonora invasiva e que crie um sentido à parte. “Da janela...” é um momento



do real que se sacraliza por não haver grandes modificações em sua substância de realidade, e pelo fato de serem mínimas as interações feitas na montagem.

Além do mais, no vídeo de Cao Guimarães, o lugar do documentarista também é o nosso lugar. Estamos no mesmo ponto de observação em que se encontra o realizador. Tão incipiente diante do fato como ele durante a captação, sem saber da mesma forma que o próprio diretor sobre o que iria acontecer nos minutos em diante. Essa surpresa e fluidez do momento presente, a simplicidade do tema e a forma de abordagem do mesmo, ajuda a se incentivar a discussão sobre o gênero documental como um todo, bem como a se repensar na força disruptiva das imagens do real, a realimentar as discussões sobre gênero a fim de se traçar melhor um histórico da categoria e as formas de abordagem no estudo do documentarismo e sobre a criatividade no vídeo. Ao fim de tudo, estamos todos na mesma janela.



Referências Bibliográficas:

BALTAR, Mariana. 2004. “Autoridades Eletivas: o lugar do documentário em meio ao universo audiovisual”. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. VI(1): 149-167, janeiro/junho 2004. Unisinos.

BERNARDET, J.C. “Cineastas e imagens do povo”. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D’Água, 1983.

MOURÃO, Maria Dora & **LABAKI**, Amir (org.). O cinema do real. São Paulo. Cosac Naify, 2005.

SHUSTERMAN, Richard. Vivendo a arte. O pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: ed. 34, 1998.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo [Org.]. 2004. “Documentário no Brasil: tradição e transformação”. São Paulo: Summus.